

Em tintas negras: narrativas da história nas páginas de *A Voz da Raça* (1933 – 1937)

Alex Benjamim de Lima (mestrando – UNESP)

Em um contexto marcado pelo alijamento político, social e cultural dos afro-descendentes na urbe paulistana, a *imprensa negra*¹ das primeiras décadas do século XX constitui importante fragmento para se delinear possíveis esboços de seus múltiplos anseios, expectativas e leituras de mundo, em um cenário crivado pelas tensões inerentes à imigração européia, ao sufocamento dos movimentos de massa, à emergência de novas forças políticas, ao aumento da musculatura estatal e ao desejo de ocupar outras posições no reordenamento político e social na primeira metade do século XX.

Fruto de esforços individuais e/ou coletivos, esses jornais substanciaram a incursão do negro no universo da cultura letrada, desde longa data hermética aos ocupantes das franjas da tessitura social. A historiografia tem apontado para a existência desses jornais desde fins do século XIX, principalmente no centro-sul do país, tendo São Paulo enquanto seu palco privilegiado.

Nesse sentido, a tabela abaixo é bastante significativa, uma vez que permite que se afira, de certo modo, a presença da palavra impressa no meio negro da cidade de São Paulo através de seus periódicos²:

Periódico	Período	Informações da publicação
A PÁTRIA	1889	Fundado pelo tipógrafo abolicionista Ignácio Araújo Lima.
O PROPUGNADOR	1907	Fundado na cidade de São Paulo.
A PÉROLA	1911 - 1916	Fundado na cidade de São Paulo por Benedito Prestes, funcionário da Cia. de Gás.
O MENELICK	1915 - 1916	Fundado pelo poeta Deocleciano Nascimento (na época, fundador e estudante do curso noturno de contabilidade do Liceu Salesiano); título em homenagem ao rei etíope Menelick II, líder no processo de independência da Etiópia.
BINÓCULO	1915	Fundado por um grupo de rapazes da Barra Funda, era chefiado por Teófilo de Camargo, alfaiate.
A PRINCESA DO OESTE	1915	Veiculavam-se críticas à moral e comportamentos sociais da comunidade negra paulistana.
A RUA	1916	Jornal que foi lançado no bairro do Brás por Domingos José Fernandes.
O XAUTER	1916	Fundado por Deoclecio Mine; em suas folhas veiculava-se notas sociais, crônicas e críticas a comportamentos, seu título significa guia dos caminhantes nos areais da Arábia deserta.
O ALFINETE	1918 - 1921	Fundado por Augusto Euzébio de Oliveira, solicitador; publicava fofocas, mexericos e críticas aos “desvios” de comportamento.

O BANDEIRANTE	1918 - 1919	Fundado por Antonio dos Santos e Joaquim Cambará (militar do Exército), entre outros.
A LIBERDADE	1919 - 1920	Fundado por Gastão R. da Silva, fiscal municipal.
A SENTINELA	1920	Dirigido por Ernesto A. Balthasar.
O KOSMOS	1922 - 1925	Dirigido por Frederico Batista de Souza, bedel e depois amanuense da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, periódico de associação homônima, publicava notícias e ensaios literários de escritores negros.
ELITE	1923 - 1924	Fundado por Alfredo E. da Silva, funcionário da Recebedoria de Rendas; caracterizou-se pelo hermetismo do grupo de escritores e de seu clube recreativo, promoviam bailes, piqueniques e viagens.
A PRINCESA DO NORTE	1924	Editado por Antonio Silva.
O CLARIM DA ALVORADA	1924 - 1940	Fundado por Jaime de Aguiar, funcionário público estadual, e José Correia Leite, escritor autodidata, que trabalhava em “serviços de drogaria ou depósito de artigos farmacêuticos”; congregou número importante de militantes e intelectuais do meio negro.
NOSSO JORNAL	1924	Fundado por Teófilo Camargo e Cornélio Aires.
AURIVERDE	1927 - 1928	Fundado na Capital por João Augusto de Campos
TRIBUNA NEGRA	1928	Fundado na cidade de São Paulo.
PROGRESSO	1928 - 1932	Fundado por Argentino Celso Wanderley, funcionário da Cia. Telefônica; originou-se da cooperação para comemorar o centenário de morte de Luis Gama.
QUILOMBO	1929	Fundado por Augusto Euzébio de Oliveira
CHIBATA	1932	Fundado por José Correia Leite para criticar a Frente Negra Brasileira, tivera apenas duas edições.
A VOZ DA RAÇA	1933 - 1937	Periódico da Frente Negra Brasileira, fundado em São Paulo, dispunha de um corpo fixo de colaboradores e aceitava a colaboração de voluntários – brancos ou negros – desde que se alinhassem à linha de atuação do periódico.

Todavia, não circunscrita à comunidade negra, ao contrário, a fundação e circulação de jornais, revistas e folhetins, em suma, de uma cultura letrada solidificou-se na cidade em perene transformação³. Se durante o oitocentos a fundação da Academia de Direito do Largo de São Francisco em 1828, fora um marco fundante do universo letrado na cidade, articulando-se ao circuito de casas livreiras, sociedades literárias e bibliotecas, o avançar do século XX, com o processo de popularização dos códigos da escrita e leitura no cotidiano dos grupos sociais externos às elites, alargara esses circuitos, à medida que

Fazer jornal tornou-se uma das atividades centrais de grêmios escolares, das associações recreativas, dançantes e artísticas, dos grupos literários. Reunir-se para dançar, formar grupos dramáticos e musicais, associações carnavalescas e esportivas era também oportunidade para escrever e fazer imprensa⁴.

A tal ponto, que em São Paulo, a ruptura do monopólio da palavra impressa das elites letradas e de suas representações simbólicas e imagéticas, gerou uma profusão de

outras leituras e representações de demandas de grupos sociais há muito reprimidos. Solidificadas na fundação e circulação de jornais, revistas e folhetins, entranhados ao cotidiano e a espriar-se aos mais variados estratos sociais, se relacionara diretamente à emergência de questões e grupos outrora alijados da cena social e cultural, socializando vivências, leituras, projetos e concepções, em muito dissonantes da ordem sócio-cultural vigente.

A esse respeito o conjunto de jornais redigidos por e para os negros, para além dos discursos de letrados das camadas sociais dominantes, cunhara projetos e percepções de uma intelectualidade outra, alijada dos círculos culturais hegemônicos e dos assédios do poder estatal, porém organicamente atrelada a contingentes sociais preteridos e desqualificados na arena social.

Seu caráter diletante e artesanal acarretara aos jornais negros uma periodicidade predominantemente inconstante, de tiragem modesta e, na maioria das vezes, de efêmera existência. Isso se deve sobremaneira às limitações financeiras e materiais para tal empresa, acarretadas, sobretudo, pela instabilidade e preterição do contingente negro no mercado de trabalho frente ao enorme influxo de mão-de-obra imigrante, aos seus baixos vencimentos e, além disso, às dificuldades técnicas, uma vez que os responsáveis pela construção do jornal eram concomitantemente, muitas vezes, seus escritores, editores, operadores de impressão e principais financiadores, haja vista que as receitas obtidas com sua vendagem, principalmente em bailes, e a crescente veiculação publicitária em suas folhas, eram insuficientes para arcar totalmente com seus custos.

Todavia a historiografia aponta o jornal *A Voz da Raça* como dos mais importantes e significativos no meio negro, pela sua longevidade, estrutura, organização e prestígio político-social. Fundado em 1933, circulara até 1937, totalizando 70 edições. Porta voz da Frente Negra Brasileira (1931-1937), principal agremiação do meio negro na primeira metade do século XX no país, o jornal desfrutara de um grau de organização e solidez ausente entre seus congêneres contemporâneos: recebimento de verba da FNB, contrato com as 'Graphics Mariano' para sua impressão, prestígio além das plagas paulistas, dentro e fora da comunidade negra. Palco privilegiado de fluxo, trocas, experiências e afluências de projetos e idéias, o jornal fora um espaço privilegiado de sociabilidade, gestação e

desenvolvimento das lides espirituais objetivadas no texto impresso, a circular e transpor limites sociais e geográficos.

Mais do que simples manifestação discursiva de uma minoria racial, tal empresa pretendia dialogar com manifestações políticas e culturais de camadas sociais outras, agentes definidores dos esteios da nacionalidade e dos valores a serem objetivados, nos quais as heranças de origem afro eram preteridas e extirpadas no concerto da retórica nacional cunhada pelas elites dirigentes⁵. Nesse sentido, *A Voz da Raça* ao longo de sua existência se esforçara em divulgar e arregimentar a coletividade negra em prol de um projeto de inclusão que perpassara questões como a valorização étnica, e de um nacionalismo pautado na valoração de uma história e memória sob a ótica do protagonismo negro, pois

a nação somos nós [os negros], com todos os outros patrícios [lusos e indígenas] que, conosco, em quatrocentos anos, criaram o Brasil. Não podemos, pois, permitir que impunemente uma geração atual [de imigrantes], que é um simples momento na vida eterna da Nação, traia a Pátria (...) (*A Voz da Raça*; n.1, 1933, p.1).

Tal narrativa histórica disponibilizava uma outra cartografia de mundo, cunhada à revelia dos paradigmas instituídos desde a segunda metade do XIX, porém ainda a embrenhar o universo imagético da tessitura social na qual imperava ora a invisibilidade, ora a desqualificação social e cultural dos negros na nação em formação⁶.

Nesse sentido, em suas 70 edições, raras foram as vezes em que o periódico não veiculava notas, artigos ou chamados, cujo plano argumentativo se espraiava para tempos pretéritos, a legitimar anseios e demandas quanto ao presente e futuro,

A argila brasilica, unida ao sangue escravo do Negro "caçado" nas florestas africanas, formou a argamassa robusta com que se fez o alicérce, com que se fizéram as fundações deste momento indestrutível e infracionável que se chama Brasil! (*A Voz da Raça*; n.5, 1933, p.1).

A História, aqui entendida enquanto polissêmicas narrativas sobre fragmentos de tempos pretéritos, sistematizadas num sistema lógico e coerente, serviu aos escritores congregados em *A Voz da Raça*, de prova incontestada da importância e missão do negro na viabilização do Brasil enquanto nação. Para tanto, balizas temporais outras foram

estabelecidas, a contrapor-se a paradigmas nos quais o negro figurava enquanto assessorio coadjuvante no processo de formação da Nação.

Tal estratégia não se escoimara de polemizar com outras narrativas, em ríspidos textos aventados com destaque no “layout” interno do periódico,

episodios horrendos da escravatura no Brasil, Guerra do Paraguai, e outras tantas cousas que muita gente bonita, como por exemplo os pretensos sociologos desconhecem, mesmo porque a historia patria nada diz a respeito, ou quando assim não é adulteram tudo, como fizeram os seus historiadores com a gloriosa epopéa de Palmares na Serra da Barriga, que deveria constar em nossa historia como uma das maiores glorias de um povo, que embora oprimidos, deram ao mundo e muito especialmente ao Brasil, provas de seu valor moral e material; isso tudo, os homens do Brasil esconderam e continuam escondendo, com o fito unico de menosprezar o valor indiscutivel da raça que fez o Brasil (...) (A Voz da Raça, n.13, p.4).

Personificados em figuras como Henrique Dias, Zumbi, Cruz e Sousa, Luiz Gama, José do Patrocínio e/ou em momentos como a invasão holandesa, o Quilombo de Palmares, a guerra do Paraguai, o processo abolicionista e o 13 de maio, emergiram enquanto esteios individuais e balizas temporais de uma outra história, sufocadas por narrativas advindas de outras camadas sociais e culturais.

A arrancada gloriosa de Palmares, tem sido desvirtuada, por grande parte dos nossos historiadores. Acusam eles os heróis daquela epopéa gloriosa de ladrões, assassinos e outras coisas feias, esquecidos de que a Historia ou é imparcial ou não é historia, é tapeação [...] Para que injuriar-se tanto os homens de Palmares, na mesma pagina do livro em que se elogia escandalosamente o ambicioso aventureiro Domingos Jorge Velho? Porque aqueles erão negros e este era branco? (...) não ha nehum motivo para menosprezar tanto os Palmarinos ao mesmo tempo que se canta a glória dos bandeirantes, sabendo como é que estes praticaram muitas faltas na ansia de se enriquecer e escravizar os indigenas. (A Voz da Raça; n.10, p.1).

O texto acima, intitulado “Em defesa de Palmares”, veiculado com destaque em primeira página, ao mesmo tempo em que reforça a identidade histórica do negro, enquanto herdeiro direto desses “heróis excomungados”, contesta e deslegitima o paradigma instituído sob o verniz do “branco”- bandeirante. À aura heróica e civilizacional do bandeirante sobrepôs-se a de ambicioso e criminoso.

Embrenhados na consolidação da Nação, os escritores d'*A Voz da Raça* esforçaram-se em aventar um nacionalismo outro, pautado na tríade luso-negro-indígena, sob outra hierarquia, ainda que a referendar o primitivismo do nativo, mas a equiparar e protagonizar o papel do negro frente ao branco europeu (luso) na empresa da nação. Essa valoração histórica compusera um mosaico no qual a afirmação do negro se conecta ao mister da “união da raça” para seu “levantamento moral, social, cultural, e intelectual” pois dele dependia o resgate da “verdadeira nação”.

Modelo, contudo, ameaçado frente ao influxo massivo de imigrantes desde fins do XIX na ube paulistana, de modo que o imigrante fora o inimigo a ser combatido nas tintas do periódico negro. Ameaçador da integridade nacional, culpado pelas instabilidades hodiernas, o estrangeiro transforma-se no *outro* a ser combatido, como em veemente manchete contestatória:

Não queremos saber de ariano. QUEREMOS O BRASILEIRO NEGRO E MESTIÇO que nunca traiu nem trairá a Nação. Nós somos contra a importação de sangue estrangeiro que vem somente atrapalhar a vida do Brasil, a unidade da nossa Pátria, da nossa raça e da nossa Língua (*A Voz da Raça*, n.27, p.1; grifos no original).

Orquestrados sob o mesmo diapasão, muitos foram os escritos em que a imigração fora veementemente condenada, seja pelas alterações simbólica e imagética na “brasilidade”, seja no aprofundamento do alijamento dos ascendentes afro no mundo do trabalho, pois

prolifera desastrosamente no Brasil, especialmente nesta terra de São Paulo, uma doença grave: a mania de proteger exageradamente o estrangeiro(...) há uma infinidade de negros desempregados: os lugares são ocupados por estrangeiros. Há patrões e chefes de obras estrangeiros que, sistematicamente, não contratam operários brasileiros, sobretudo se são operários negros (*A Voz da Raça*, n.44, p.1)

Em “Fala de negro velho”, poema de Arlindo Veiga dos Santos – um dos dirigentes d'*A Voz da Raça* – nota-se uma outra estratégia discursiva, permeada por uma linguagem metafórica, mas não menos incisiva, em que a temática dos percalços da comunidade negra com relação à concorrência adventícia (*gente de longe*), o desprestígio social (negro *não tem nome*), a marginalização econômica (*sem serviço*), a exaltação da memória da participação negra em momentos entendidos como cruciais para a nação brasileira (*tanto*

sangue derramei no Paraguai), e o desfecho com o sentimento de injustiçado e credor da história se fazem presentes,

Sabem quem sou? Negro-velho!
Negro-velho não tem nome.
Antigamente fui tudo...
Agora! O Negro nem come!
[...]
Quando hoje eu passo na rua,
Ninguém me conhece mais;
Veio outra gente de longe
Que hoje são os maiores.
Apanhei muito em meu tempo,
Mas apanhei de patrício;
Hoje, patrício e estrangeiro
De me xingar têm o vício.
[...]
Negro-velho sem serviço
Vive "cavando" ano inteiro.
Todos dizem: Não há mais
Serviço pra Brasileiro!
Pra isso que tanto sangue
derramei no Paraguai!
E quanto negro morreu
sem soluçar nem um ai!
[...]
Sabem quem sou? – Negro-velho!
Negro-velho não tem nome.
Fiz tudo pelo Brasil.
Agora? – Morro de fome.
(A Voz da Raça, 11 maio 1935, p. 1)

Assim, longe de ser um mero receptáculo ou objeto dos discursos e práticas politico-culturais engendradas por grupos sociais outros, a intelectualidade negra, distante da erudição e prestígio de seus congêneres cooptados pelo aparato estatal, mas embrenhados enquanto integrante e representante de sua coletividade, negou o passado pronto ofertado por outras narrativas históricas ressignificando tempos pretéritos perante o presente e o futuro, com vistas a uma integração da coletividade negra – integrante e protagonista – em prol da nação. Atentar para seus itinerários discursivos, matizando-os no bojo das escrituras em A Voz da Raça, são em linhas gerais o mote desta comunicação de pesquisa.

¹ Conforme ponto pacífico na historiografia sobre o tema, trataremos por *imprensa negra* o conjunto de periódicos redigidos, dirigidos e direcionados à população negra.

² Cf.: Ferrara, Miriam N. **A imprensa negra paulistana: 1915 – 1963**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986, pp. 235-277; Domingues, Petronio. **A Nova Abolição**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2008, pp. 19-58.

³ CRUZ, H. F. **São Paulo em papel e tinta. Periodismo e vida urbana – 1890 – 1915**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000, p.33.

⁴ Cruz, Heloisa de F. **São Paulo em revista: Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana (1870-1930)**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.1997, p.23

⁵ Cf.: Ferreira, Antonio C. **A epopéia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870 – 1940)**. São Paulo: Unesp, 2002.

⁶ Cf.: Schwarcz, Lilia M. **O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questão racial no Brasil,1870-1930**. São Paulo: Cia. das Letras,1993.